

Na próxima quarta-feira (28 de novembro), a Vila Franca do Imperador faz 194 anos de história. Para comemorar, antes mesmo do feriado, estive me deliciando com o livro de crônicas do Luiz Philippe Torelly, um arquiteto carioca que virou brasileiro ainda menino. Seus textos do belo volume “Memória e Patrimônio” misturam erudição e lembranças da vida. Mas uma delas, “A casa de Manaus”, em que descortina a cidade e descreve a casa do seu bisavô na Amazônia é um primor, e tenho que reproduzir um trecho aqui: “Um dia a casa caiu, tragada pela fúria de tempos que não suportam transcendências. Mário Quintana em sua poesia não nos deixa esquecer as casas da infância: *a gente continua morando na velha casa em que nasceu. Mesmo depois que destruíram a casa grande, até hoje eu vivo explorando seus esconderijos*”.

Pensei na casa dos meus pais no centro de Franca, recentemente demolida, onde passei a adolescência e depois frequentei até eles falecerem poucos anos atrás, quando foi vendida e os novos proprietários optaram pela demolição. Não vou plagiar o Torelly, não tenho a competência e sua erudição. Prefiro uma paródia. É fato que paródias são o último refúgio dos malandros e aproveitadores da criatividade alheia, nem podem ser chamados de invenção do ócio criativo, essa definição tucana pra velha e macunaímica vagabundagem, para ficar de papo pro ar sem esquentar com Boçalnaro et caterva. Uma música dessas, um verdadeiro hino de amor a uma cidade então nem se fala, de um gênio baiano & ai que preguiça da música prá pular brasileira.

Com essa letra, teria que ser gravado em disco Long-Play pelo grupo vocal dos Derruci ou pelos Filhos da Pauta. Um LP do passado, com seus sulcos sendo dissecados pela agulha embrutecida de um toca-discos Garrard ou Philips, em estereofônico. Teria que ser adquirido não num sebo como hoje em dia, mas com o selo de lojas como da “Lâmina de Ouro” ou da “Tropicália”, em 33 1/3 de rotações (em 78 RPM só na “Mexicana” do pai do Mutran). Ao abrir, além de apreciar as artes gráficas da capa criada pelo Paulinho Pereira, o prazer de retirar o “bolachão preto” da capa em seu invólucro de plástico e colocar o buraco central do disco no pino do toca-discos e retirar a presilha do braço da agulha, ver o prato rodar e ouvir. Ouvir sem parar.

Alguma coisa acontece no meu coração  
Que só quando cruza a Voluntários e a Júlio Cardoso  
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi  
Da dura poesia concreta de tuas esquinas  
Da deselegância discreta de tuas meninas

ElisaGosuenReginalaraTerezaCristinaLilianeMunizTâniaFigueiredo

Ainda não havia para mim, Atalie  
A tua mais completa tradução

Alguma coisa acontece no meu coração  
Que só quando cruza a Voluntários e a Júlio Cardoso  
Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto  
É que chanceleres e monsenhores acham feio o que não é espelho

E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho  
Nada do que não era antes quando não somos Superpanorâmicos

Não foste um difícil começo  
Mas agora afasta o que não conheço  
E quem vem de outro sonho feliz de cidade  
Aprende depressa a chamar-te de realidade  
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, conjuntos habitacionais LeporacesAeroportosLuizas  
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas como o Hotel Francano e a AEC  
Da feia fumaça que sobe das fábricas, apagando as estrelas  
O pior é que não vejo surgir teus poetas de campos, espaços  
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Francas utópicas, túmulo do samba  
Impossível novo quilombo de Abdias  
E as duplas sertanejas e as direitas boçais passeiam na tua garoa  
E as duplas sertanejas e as direitas boçais te podem curtir numa boa.

Mauro Ferreira é arquiteto